

GRUPO DE APOIO A PAIS NA FILA DE ESPERA DA ADOÇÃO

SUPPORT GROUP FOR PARENTS IN ADOPTION QUEUE

UNICENTRO-PR

Luana T. M. Costa¹
Melissa Daiane Hans Sasson²
Thais Bronislavski³
Vanessa Brandalise Tibola⁴
Verônica Suzuki Kemmelmeier⁵

RESUMO

Este trabalho aborda assuntos relativos ao Grupo de Apoio de Pais na Fila de Espera a Adoção, em que buscamos abrir um espaço de debate sobre as diversas formas de constituição de vínculos familiares e discussões sobre as principais dúvidas e expectativas dos adotantes. O grupo acontece na Universidade Estadual do Centro Oeste em parceria com o Fórum da Comarca de Irati. Tal projeto tem sido um instrumento relevante de inserção da Psicologia no acompanhamento dos futuros pais no processo de adoção abrindo também novas possibilidades de pesquisa. Os resultados do trabalho foram demonstrados em vários níveis, como em modificações do perfil do adotando principalmente em questões referentes à adoção tardia, na disseminação das informações discutidas no grupo entre os participantes e na possível melhoria das condições psicológicas durante o período de espera, de acordo com o discurso dos participantes.

Palavras-chave: Adoção. Pais Adotantes. Fila de Espera. Grupo de apoio.

ABSTRACT

This paper approaches issues related to the Support Group for Parents in the Adoption Queue. We hope to provide a forum for debate about various forms of family ties and about the adopters' main concerns and expectations. The group includes the State University of West Center in partnership with the Forum Irati County. This project has been an important instrument for Psychology insertion in the monitoring of prospective parents in the adoption process, as well as open new possibilities for research. Initial study results have been demonstrated at various levels, like modifications in adopter profile about late adoption, dissemination of discussed information among participants in group and possible improvement of the psychological conditions during the waiting period, according to the participants' speeches.

Keywords: Adoption. Parent Adopters. Adoption Queue. Support group.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; email: luanacosta1@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Psicologia UNICENTRO; email: melissa.dhs@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Psicologia UNICENTRO; email: thais.bronislavski@hotmail.com

⁴ Graduada em Psicologia pela UNICENTRO; email: vanessa_tbh@hotmail.com.

⁵ Mestre em Psicologia da Infância e adolescência, UFPR; Docente do Departamento de Psicologia – Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO Irati – Paraná; email: veronicask@uol.com.br

Introdução

“...sei que uma história está em gestação dentro de mim”.
(Amo Oz)

A adoção é um tema muito referenciado na atualidade e de grande importância não só para as crianças e adolescentes que esperam pelo momento da adoção, como também para os pais da fila de espera e os profissionais atuantes nas Varas da Infância e da Juventude e nos Serviços de Auxílio à Infância (SAI), que muitas vezes se envolvem diretamente nos processos. Todos esses sujeitos envolvidos no processo de adoção foram beneficiados com a regulamentação da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, pela Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, o que acarretou em mudanças significativas na adoção, regularizando e redefinindo obrigatoriedades para que os processos sejam elaborados e analisados da melhor forma possível (PAIVA, 2004).

No Estatuto da Criança e do Adolescente encontramos normas gerais que são imprescindíveis para a entrada no processo de habilitação à adoção e para finalização do mesmo. São eles: idade mínima de 18 anos para os candidatos a adotantes, tendo uma diferença mínima de 16 anos do adotado; não há relevância quanto ao estado civil do adotante; a adoção requer consentimento dos pais biológicos, salvo caso de paternidade desconhecida ou por destituição do poder familiar em seus diversos motivos; obrigatoriedade do estágio de convivência entre o adotado e o adotante exceto quando o adotado é menor de um ano de idade ou quando já há uma convivência estabelecida anteriormente (BRASIL, 1990).

Frente a tantas ponderações para se concluir a adoção, percebemos a importância de um bom trabalho da equipe interprofissional que atua nos fóruns, bem como de uma preparação específica para estes pais candidatos à adoção.

Em relação a esta preparação, Vieira (2004) aponta o surgimento dos grupos de apoio a pais na fila de espera da adoção como a iniciativa dos próprios pais candidatos a adoção nos anos 60 e 80 de modo informal, reunindo-se nas casas dos integrantes. Ela complementa pontuando que o principal objetivo destes grupos é construir um espaço no qual os pais adotivos e os candidatos à adoção possam encontrar apoio em um grupo de pessoas que passam pelos mesmos questionamentos sobre o processo de adoção:

Trocando informações acerca de procedimentos jurídicos (documentos necessários, como fazer a inscrição candidatando-se a pais adotivos, como são as visitas e avaliações feitas pelo corpo técnico composto pelos profissionais da área de Psicologia e Assistência Social, etc.) e compartilhando uns com os outros as experiências pessoais relativas à constituição do vínculo afetivo com a criança, refletindo e discutindo juntos sobre as vantagens de revelar a adoção ao filho ou mantê-la em segredo, esses pais sentem-se mais preparados para realizar e viver o sonho de ter seus filhos (VIEIRA, 2004, p.83).

As finalidades dos grupos de apoio à adoção estão sendo ampliadas pouco a pouco, indo além da troca de experiências e conhecimentos sobre a legislação, como apontado na citação anterior, mas é consenso entre eles que ter uma família, seja ela em qualquer formato (monoparental, biparental), é um direito de toda criança, como bem afirma o Estatuto da Criança e do Adolescente, que assegura toda criança a convivência familiar e sua reintegração à família de origem ou colocação em família substituta mediante guarda, tutela ou adoção (Brasil, 1990).

Além da ampliação das funções destes grupos, outras mudanças foram ocorrendo no decorrer dos anos, como a inclusão de outros participantes nestes grupos, indo além dos pais candidatos à adoção.

Passam a integrar então psicólogos, assistentes sociais, advogados e juízes que auxiliam no esclarecimento de dúvidas relacionadas às áreas de atuação de cada um, quando convidados a participar dos encontros (VIEIRA, 2004).

Com estas modificações, os integrantes das equipes dos fóruns que iniciaram sua participação junto aos grupos de apoio perceberam que alguns candidatos a pais adotivos eram propensos a adotar crianças que não se encaixavam no perfil da maioria das escolhas, sendo este o de crianças recém nascidas, pele clara, sem qualquer doença ou problema físico. Alguns dos pais que participavam dos grupos ouviam os relatos de pais que adotavam crianças acima de dois anos, por exemplo, e se empolgavam com a satisfação destes ao relatar a convivência com seus filhos adotivos e o quanto era demorada a espera por um bebê com menos de um ano. Muitos dos pais participantes acabavam por mudar as características especificadas no processo de habilitação e se tornavam menos exigentes neste passo da adoção (VIEIRA, 2004).

Assim, percebendo essa contribuição sem igual dos grupos de apoio a pais na fila de espera surgem às modificações nas leis da adoção com a Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009, a qual dispõe sobre a adoção e implementa novas regras como a criação do cadastro estadual e nacional para os candidatos habilitados à adoção e a inscrição obrigatória destes candidatos precedida de uma preparação psicossocial e jurídica, a saber, os grupos preparatórios (BRASIL, 2009). Com estas alterações, os pais candidatos a adoção precisam passar pela experiência de participar de grupos preparatórios antes de prosseguirem com os trâmites legais para o andamento do processo.

Buscando a regularização desta lei no município de Irati, no Estado do Paraná, organizamos e realizamos o projeto de extensão “Grupo de Apoio a Pais na Fila de Espera da Adoção” visando abrir um espaço de debates sobre as diversas formas de constituição de vínculos familiares e discussões sobre as principais dúvidas e expectativas dos adotantes, como bem colocado por Vieira (2004) em seu trabalho. Esse projeto procurou também explicar todo o processo da adoção em seus detalhes pretendendo diminuir a angústia da espera e esclarecer alguns mitos. Assim, este Grupo de Apoio à adoção, além de ser obrigatório de acordo com a nova reformulação do Código civil – artigo 50, § 3 (BRASIL, 2009), possibilita o repensar dos pais para que inúmeras crianças tenham uma nova chance de crescer em um ambiente familiar capaz de lhes proporcionar um novo projeto de vida.

Métodos

O projeto de extensão “Grupo de Apoio a Pais na Fila de Espera da Adoção” tem sido executado por acadêmicas do curso de Psicologia da UNICENTRO- Irati sob a supervisão da professora Verônica Suzuki Kimmelmeier. Este projeto tem como objetivos fornecer um espaço para debate sobre as diversas formas de constituição de vínculos familiares, adoção tardia, adoção inter-racial e adoção de crianças/adolescentes com necessidades especiais, bem como proporcionar discussões sobre as principais dúvidas e expectativas dos adotantes, como o convívio familiar e o medo em relação aos laços afetivos estabelecidos. Além disso, buscou-se explicar para os grupos todo o processo da adoção em seus detalhes para diminuir a angústia da espera pelo filho. Este trabalho se realiza em uma parceria com a Comarca da cidade de Irati, na qual os pais estão cadastrados na fila de espera.

O trabalho com os grupos são delimitados a cinco encontros, que ocorrem semanalmente, com duração de aproximadamente duas horas cada. Nestes encontros

comparecem dez a doze participantes, casais e adotantes monoparentais com acompanhantes. Como recursos técnicos para estes encontros, utilizamos diferentes procedimentos, tais como dinâmicas de grupo, vídeos, recorte e colagem e outras técnicas que julgamos adequadas ao momento do grupo. Nestas reuniões contamos também com a participação de uma ou duas pessoas da equipe do fórum para explanarem sobre as questões relacionadas aos aspectos jurídicos da adoção. Buscamos, portanto, encontrar meios para que seja possibilitado aos pretendentes à adoção a ressignificação e elaboração da situação em questão.

Neste sentido, temos usado, como método de trabalho, o modelo de grupo operativo, que foi descrito por Pichon-Rivière (1960) como um conjunto de pessoas que se unem devido a um objetivo comum, e que buscam abordar este tema através do trabalho em equipe (BLEGER, 2007). Levando em conta o supracitado, retomamos a importância do vínculo entre os membros como elemento essencial ao desenvolvimento grupal, pois embora o grupo esteja agregado de forma concreta a tarefa que neste caso é imposta pela lei, o fator humano tem importância primordial para o funcionamento do grupo (BLEGER, 2007).

Resultados

Considerando o restrito número de estudos ainda existentes sobre o tema de grupo de apoio à adoção e sobre questões relacionadas ao mesmo, buscamos analisar os resultados através dos relatórios elaborados semanalmente, a partir de cada encontro e grupo. Realizamos deste modo, uma avaliação breve sobre o desenvolvimento das reuniões, pontuando nossas percepções sobre as demandas discutidas.

Desde o início do projeto de extensão no segundo semestre de dois mil e dez, realizamos três grupos sendo o terceiro efetivado no início deste ano de dois mil e onze. Durante estes percebemos que o momento de espera é carregado de tensão, expectativas, preocupações e esperanças, ressaltando assim a necessidade do compartilhamento das possibilidades, desejos e experiências, a partir do olhar do outro, transformando esta atividade numa significativa instância potencializadora de mudanças na vivência pela espera do filho.

Tal fator foi percebido durante os encontros no discurso dos participantes, que descreviam que a fala apresentada pelos outros oferecia grande conforto quanto à sua própria condição, visto que não se sentiam mais sozinhos neste período de espera, predispondo os participantes a um maior esforço em compartilhar e trocar experiências com os demais.

Durante os encontros visualizamos nas falas dos casais uma maior abertura para discutirem sobre o processo de adoção, utilizando o grupo como ponte para debaterem entre si questões referentes ao tema e aos desejos individuais, os quais anteriormente ao grupo não faziam parte das conversas do casal, segundo relato de um dos participantes do primeiro grupo.

Percebemos também a importância de esclarecer cada passo do processo de adoção aos pais, pois ao explanarmos os diferentes temas os membros demonstraram maior tranquilidade ao compreenderem o processo em sua totalidade. Ficou evidenciado também a insatisfação com a justiça e os percalços durante a espera da adoção, citando que as leis que garantem às crianças e aos adolescentes o direito da convivência familiar, mesmo em

família substituta, não são desempenhadas na realidade, haja vista o número de crianças e adolescentes que crescem nos abrigos.

Propomos também discussões sobre as questões referentes às crianças e adolescentes idealizadas por eles (adotantes) e as crianças e adolescentes reais institucionalizadas. Pontuamos que esta disparidade entre os perfis torna o processo de adoção bastante prolongado, pois filas desiguais se formam entre crianças/adolescentes e pretendentes à adoção. Tais debates instigaram os pais a questionarem a importância destas pontuações antes mesmo de decidirem sobre o perfil da criança, visto que este fato interfere diretamente no tempo de espera do processo.

Trabalhamos também a confrontação de mitos e crenças entre os membros dos grupos proporcionando que a subjetividade de muitos dos participantes viesse de encontro a dados objetivos da realidade social apresentada no grupo, levando a maioria dos pretendentes à adoção a uma atitude de autorreflexão e possível mudança, principalmente em questões referentes à adoção tardia, adoção inter-racial, de grupos de irmãos, etc.

Este repensar dos participantes tornou-se perceptível tanto em seus discursos quanto nas diferentes dinâmicas realizadas no decorrer do grupo. Tal atitude pode ser notada principalmente nas reações de choro ou, ainda, silêncio total após a exposição de vídeos que apresentavam a realidade das crianças e adolescentes abrigadas ou de famílias que optaram por essas modalidades supracitadas de adoção e já haviam conseguido adotar. Neste sentido retomamos o fato de que a partir dos grupos, tivemos contato com três casais participantes que conquistaram a adoção, o que contribui ainda mais para a troca de experiências entre os adotantes.

Não obstante, entendemos com a breve exposição e análise destes encontros, que os objetivos propostos no início do grupo foram alcançados. Conseguimos oferecer a estes adotantes auxílio na espera pela adoção, entendimento maior sobre os sentimentos vividos proporcionando um espaço de discussão e de preparo para a chegada de um filho.

Constatamos também, durante este processo, a necessidade e a importância da inserção da Psicologia no acompanhamento dos futuros pais no processo de adoção, bem como novas possibilidades de pesquisa e atendimento através do grupo de pais como instrumento para tal.

Considerações Finais

A experiência obtida pela participação no projeto de extensão e pela vivência como coordenadoras destes grupos possibilitou-nos um espaço privilegiado de escuta e de suporte emocional, de informação e de orientação de aspectos práticos aos participantes do grupo. O trabalho realizado contribui ainda para conhecermos na prática a realidade com relação à condição da adoção na cidade de Irati, a qual corresponde, em sua maioria, de crianças maiores de 3 anos e adolescentes, o que direcionou o foco de nossas discussões. Visto isto, um número significativo dos participantes relatou mudar o perfil do adotando, principalmente com relação à idade deste, que através das discussões realizadas, foram repensadas e resignificadas. Foi ainda possível perceber o quanto a troca de experiência entre participantes, trouxe um importante suporte para eles lherem com a angústia da espera.



REFERÊNCIAS

BLEGER, J. Grupos operativos no ensino. In: BLEGER, J. Temas de Psicologia: entrevistas e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 59-100.

BRASIL. M. da S. Estatuto da Criança e do Adolescente. / Ministério da Saúde. 3º edição. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 1990.

BRASIL. Lei 12.010, de 03 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção. Acesso em: agosto de 2010, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm

PAIVA, L.D. Adoção: Significados e Possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, E. Técnica de los grupos operativos. Acta Neuropsiquiátrica Argentina, 1960.

VIEIRA, Joice Melo. Os filhos que escolhemos: discursos e práticas da adoção em camadas médias. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004, 673f.

